

Ele está de volta alerta sobre a comunicação como instrumento da direita

O filme *Ele Está de Volta* foi baseado no livro com o mesmo nome, escrito pelo alemão Timur Vermes e publicado pela editora Eichborn Verlag em 2012.

A obra teve grande repercussão. Em março de 2014, foi vendido 1,4 milhão de cópias na Alemanha. O livro também foi traduzido em 28 idiomas.

Em 2015 surgiu o filme, dirigido por David Wnendt, com roteiro do próprio Vermes.

Recentemente, o NETFLIX incluiu o filme em seu catálogo, devidamente legendado.

O enredo mostra como seria se o ditador Adolf Hitler voltasse para a Alemanha dos dias de hoje. A ideia do filme é singela. O personagem de Hitler consegue um programa de televisão e, por meio dele, critica a classe política por sua “corrupção” e descaso com os trabalhadores e famílias alemãs. Claro, ninguém sabe que se trata realmente de Hitler voltando do mundo dos mortos—o que torna o enredo ainda mais impactante.

O filme mostra cenas reais de diálogos entre o ator e a população alemã. Entre várias selfies, o ator, que interpreta o ditador nazista, é abordado diversas vezes por apoiadores que declaram que o país precisa novamente de uma experiência nacionalista para trazer de volta “os bons costumes perdidos”.

O filme é uma crítica à indústria cultural, à mídia comercial e sua inclinação para reforçar os discursos estereotipados. Eis que são estes os que podem assegurar audiências mais amplas. É um alerta sobre a capacidade de legitimação e mobilização social que discursos construídos sobre preconceitos, medos e ódios podem adquirir em situações de crise econômica-social.

*Ele Está de Volta*, ao colocar Adolf Hitler em contato com a televisão e a internet, desvela o potencial que estes meios de comunicação têm hoje – como o tiveram nos anos 1930 o rádio e o cinema – de se prestarem a ferramentas de difusão e legitimação de discursos fascistóides.

O filme serve à reflexão e como alerta às gentes do Brasil, tanto em relação ao passado recente quanto sobre o presente e o futuro próximo.

Em relação ao passado, o filme nos leva a refletir sobre a instrumentalização dos meios de comunicação e, em especial, dos jornalões e as empresas de televisão como instrumentos de mobilização de massas pela direita como, por exemplo, as manifestações pelo impeachment, da presidenta Dilma. Igualmente, remete às funcionalidades da web e das redes sociais às organizações de direita que, a partir daí criam, difundem e legitimam sua retórica de ódio e destruição do outro.

No tocante aos dias que correm, o filme remete ao fechamento da mostra Queermuseu – Cartografias da diferença na América Latina, na qual o Santander Cultural abriu suas portas para a primeira exposição queer realizada no Brasil. A mostra trazia mais de 270 obras de mais de 85 artistas, nacionais e internacionais, entre os quais destacavam-se trabalhos de Cândido Portinari, Alfredo Volpi, Lygia Clark, Adriana Varejão, Leonilson.

A exposição foi encerrada pelo Santander Cultural após campanha do MBL e seus adeptos nas redes sociais, em que se difundia que algumas obras faziam apologia a zoofilia e pedofilia, além de ter conteúdo pornográfico e ofensivo aos “valores cristãos”.

Inicialmente, os ataques partiram da página oficial do MBL, que promoveu uma campanha de boicote ao banco, mas acabaram se espalhando por outros movimentos e grupos presentes nas redes sociais bem como, entre políticos de ultradireita, a exemplo do deputado estadual Marcel Van Hattem (PP) e do secretário municipal de Serviços Urbanos, Ramiro Rosário (PSDB).

Conivente com os ataques, o banco Santander decidiu encerrar antecipadamente a exposição. Segundo Gaudêncio Fidélis, curador da exposição, a decisão do Santander Cultural de encerrar antecipadamente a mostra, “representa de fato um momento muito perigoso, trágico e com consequências gravíssimas para história da produção artística brasileira e para a liberdade de expressão”.

“Isso com certeza vai resultar no fato de que, daqui para frente, esses grupos de extrema-direita, extremamente reacionários, com ideologias obscuras, que são assustadoras francamente para o período da vida democrática que a gente vive, vão achar que podem decidir o que é que nós vamos ver, o que nós vamos ouvir, que espetáculo nós vamos assistir, o que pode ser publicado. Isso ficou muito claro no processo”, afirmou Fidélis.

Ao avaliar o significado da ação do MBL e o encerramento da exposição Fidélis afirmou que, “é um momento de muita gravidade, não estou falando como retórica, é uma questão concreta para nós. Tivemos uma exposição com 263 obras, de 85 artistas da mais alta relevância da produção artística brasileira, que foi fechada em três dias e meio de ataques sistemáticos do MBL, porque eles decidiram o que nós podemos e não podemos ver, com base em princípios moralistas que eles proclamam”.

O Conselho Estadual de Cultura gaúcho em nota veio a público “manifestar sua inconformidade diante da reação de intolerância que deu causa para o encerramento da exposição “Queermuseu – cartografias da diferença na arte brasileira”.

Segundo o Conselho “queremos um Brasil livre de medos, de preconceitos, de discriminação, de intolerância, e por isso nos solidarizamos com o Curador e aos artistas da referida exposição”.

Na terça-feira (12), foi realizada uma manifestação em favor da exposição chamada de “Ato pela Liberdade de Expressão Artística e Contra a LGBTTFobia”, nas proximidades do Santander Cultural. O evento foi promovido por entidades em defesa de direitos da comunidade LGBTT e páginas como Porto Alegre Sem Preconceito, Nuances, Somos, Igualdade, Juntos, entre outros.

Sobre o futuro próximo, o filme remete a necessidade da personagem Bolsonaro ser efetivamente tomada a sério. O parlamentar, nome maior da ultradireita local e pré-candidato às eleições presidenciais, lança mão de valores ditos “cristãos” para defender seu discurso de ódio contra os homossexuais, lésbicas e as mulheres; faz a apologia da ditadura militar, defendendo a tortura e o assassinato de centenas de pessoas que morreram durante esse período.

Minimizar a gravidade do fechamento pela ultradireita da exposição Queermuseu ou ridicularizar Bolsonaro é uma atitude tão insensata e suicida quanto, tolerar e naturalizar a institucionalização do estado de exceção que vem sendo erguido no Brasil desde o golpe de estado midiático-jurídico-parlamentar que instalou Temer na Presidência da República.

O Brasil desigual e autoritário que, sobre os escombros da Constituição de 1988 e da CLT estão a erguer os golpistas é terreno fértil ao medo, ao ódio e a violência, ou seja, é terra aonde podem facilmente vicejar Bolsonaro e pragas ao estilo.

Não nos iludamos, nem subestimemos perigo que representam os integrantes do MBL, Bolsonaro e sua alcateia.

Enfrentar o fascismo é questão de sobrevivência para as liberdades públicas e, de sobrevivência física para os democratas.

“Ele Está de Volta” serve para assistir e rir, mas igualmente se presta à muito pensar e, por mãos a obra de erguer a resistência anti-fascista.